

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação
Curso: Cultura, Comunicação e Relações Étnico Raciais

**Memórias do racismo: educadores e a humanização das crianças
negras na educação infantil de São Paulo.**

Thamy Yosuke

Orientadora: Prof^a Ms.Maíra Carvalho de Moraes

São Paulo
2022

Resumo

O racismo é um grande problema brasileiro que precisa ser resolvido. Ele está presente em todas as camadas sociais, nos comportamentos e na relação entre as pessoas. Foi pensando nisso que esta pesquisa buscou adentrar no universo da educação para entender se é possível que as experiências pessoais dos educadores contribuem ou os afastam do racismo, ou ainda, se estas experiências fazem com que os educadores se aproximem e tendem a buscar uma melhor resolução de enfrentamento, principalmente no acolhimento de crianças que sofrem o preconceito dentro das escolas públicas. Esta pesquisa analisou dados de um formulário para educadores de escolas públicas, em sua maioria localizadas na zona leste de São Paulo. Buscou-se analisar dados fornecidos pelos educadores sobre a questão étnico racial dentro das escolas, as práticas do dia a dia e como os educadores pensam e agem frente ao racismo na educação infantil. A análise se ateve aos educadores, às regiões onde eles vivem e lecionam, assim como suas opiniões sobre leis de enfrentamento ao racismo, estrutura escolar e relatos pessoais de experiências vividas pelos educadores através da memória de sua infância, e qual a contribuição dessa memória para a prática do educador em sala de aula com as crianças.

Palavras-chave: Racismo. Infância. Escola. Educação. Étnico racial.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é compreender as práticas dos docentes com relação a temática étnico racial na educação infantil. A educação infantil proporcionou um olhar para o racismo, em que buscou-se identificar nas memórias das docentes pontos que convergem com a relação com as crianças no cotidiano escolar.

A investigação se deu a partir de um olhar quantitativo de um formulário disponibilizado aos educadores que apresentou dados gerais sobre a região na qual as educadoras lecionam, as realidades econômicas destas regiões e o que demonstram quando tratamos de racismo estrutural. Assim como questões sobre as leis de enfrentamento ao racismo na infância, suas práticas, e sua disponibilidade ao tema. E também foram realizadas duas entrevistas qualitativas com docente do ensino fundamental, que narraram suas memórias de prática em sala de aula e como alunas que sofreram racismo em idade escolar.

O racismo no ambiente escolar de acordo com Cavalleiro (2000) disserta sobre *“tornar a escola um espaço adequado à convivência igualitária”*. Além da pesquisa quantitativa foi realizada uma entrevista qualitativa com duas educadoras escolhidas através do formulário disponibilizado.

Também foi analisada a educação infantil que proporcione às crianças negras acesso a profissionais habilitados a trabalhar o tema, de maneira que reforcemos o letramento racial dentro das práticas educativas, atendendo inclusive a Lei 10.639/03.

Cuidar do educador é cuidar também da criança, portanto, foi necessário ouvi-los para que a escuta viesse afinada com a realidade prática dos educadores, e não apenas com a teoria acadêmica.

O racismo estrutural conforme Oliveira (2021) não pode ser compreendido através da individualidade, mas através da perspectiva da estrutura das relações sociais e do processo histórico-político considerando os mais de três séculos de escravização.

2. O ponto de partida – Relações entre racismo, educação e infância

A presente pesquisa tem como objetivo abordar as relações entre os educadores da infância e as crianças negras, e como as suas experiências pessoais de racismo podem influenciar em suas práticas pedagógicas e no seu dia a dia com as essas crianças. Esta pesquisa buscou identificar quais os mecanismos do racismo estrutural causaram danos na identidade do adulto e no seu relacionamento com as crianças negras e se é possível que o conjunto de experiências vividas por ambos prejudicam suas relações ou as qualificam.

O tema do racismo na primeira infância foi resultante de minhas inquietações pessoais, a partir de experiências que foram vivenciadas desde os três anos de idade e que só tive maturidade para compreender na fase adulta. A partir de meu trabalho como atriz em visitas em escolas públicas e particulares, notei a dificuldade que alguns educadores enfrentavam ao se deparar com o racismo na infância.

Através do teatro tive acesso aos docentes que se recusavam a lidar com o tema porque tinham medo de que suas atitudes tivessem efeito contrário na vida escolar das crianças, e assim, ao invés de contribuir acabavam piorando determinadas situações por não saberem lidar com o tema. Foi a partir deste momento, que em dois mil e dezessete, passei a frequentar algumas escolas para observar e fornecer aos educadores o meu depoimento enquanto criança negra que não teve um bom acolhimento ao se deparar com o racismo na infância.

Ao acessar os educadores e revisitar minhas memórias da infância foi possível perceber a importância do acolhimento, do entendimento sobre o racismo estrutural e sobre como é possível contribuir para uma identidade positiva das crianças negras, e o que presenciei nas escolas que frequentei foram atitudes e materiais que não condizem com práticas antirracistas, pelo contrário.

Para que esta pesquisa conseguisse atender um número maior de pessoas foi elaborado um formulário online onde educadores de regiões diferentes de São Paulo responderam às questões sobre o racismo estrutural, leis de enfrentamento ao racismo dentro das unidades escolares, sejam elas públicas ou particulares, relatos e experiências de racismo na infância, e como os educadores lidam com estas questões

em seu cotidiano. E se é possível que o letramento racial crítico contribua para o enfrentamento ao racismo em defesa das crianças negras. Leia-se letramento racial crítico no conceito de Ferreira (2015):

Letramento racial crítico é refletir sobre raça e racismo, e nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar, universitário, em nossas famílias, nas nossas relações sociais. [...]. Como formadora de professoras/es que sou, entender a importância de utilizar o letramento racial crítico na minha prática pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade. (FERREIRA, 2015, p. 138).

Outra forte influência para o tema de pesquisa foi a obra de Cavalleiro (2000) cujo objetivo era analisar as relações das crianças negras dentro da escola e com a família no que se refere ao pertencimento étnico. A autora pontuou que crianças negras na faixa etária de quatro a seis anos têm a percepção negativa de sua identidade em relação ao seu grupo étnico, e que o silêncio do docente nos conflitos que se dão entre crianças negras e não negras geram danos irreparáveis às crianças negras. Importante notar que Cavalleiro apontou o âmbito escolar como um espaço de problematização para ao desenvolvimento de crianças negras, conforme sua publicação intitulada como “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil” (2000).

Desse modo, a pesquisa de campo buscou investigar como docentes enfrentam o racismo na prática pedagógica e pessoal, ou seja, de forma objetiva e subjetiva, e utilizou como método o formulário estruturado e entrevistas qualitativas.

O escopo da pesquisa foram professores da educação infantil, que lecionam para crianças de 0 a 5 anos de idade nas instituições públicas de periferias das zonas leste e sul de São Paulo. Através de suas respostas às entrevistas, compreender as inquietações do docente na prática pedagógica e aferir se suas experiências pessoais de racismo influenciam em seu dia a dia nas relações com as crianças negras. E a partir das respostas, inferir como o racismo estrutural na sociedade brasileira afeta os aspectos mais amplos do docente, seja na vida privada, como na prática docente. Ao passo que a pesquisa de campo considerou também depoimentos pessoais dos docentes.

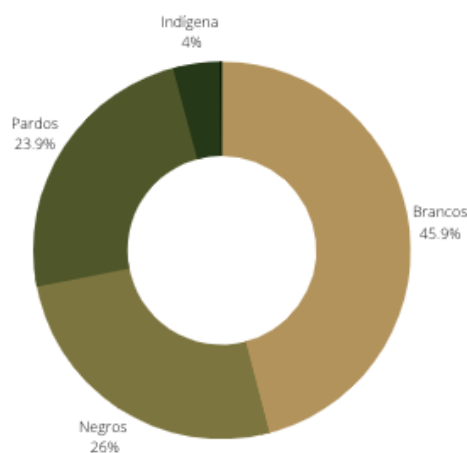
Segundo Oliveira, o conceito de racismo estrutural não pode ser levado em consideração apenas comportamentos individuais. [...] mais que isso, essas narrativas reduzem o problema a uma mera questão comportamental, um desvio de conduta e, assim, aproximam-se justamente de uma concepção funcionalista". (OLIVEIRA, 2021, p.59).

Oliveira ainda conclui que [...] entender o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas. Portanto, é na base material das sociedades que se devem buscar os fundamentos do racismo estrutural". (2021, p.59).

2) Racismo e prática docente

No formulário de pesquisa disponibilizado via Google Form teve 51 (cinquenta e um) docentes que responderam às perguntas sobre gênero, etnia, religião e dados de seus locais de trabalho.

1. Educadores (as) que responderam qual a sua etnia:



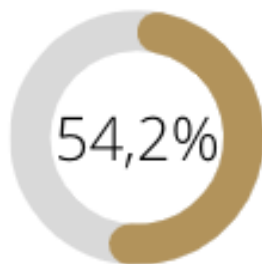
Schwarz (2012) apontou em seus estudos a dificuldade de pretos e pardos em admitir e evidenciar a sua etnia. Para ela, tal fato, por vezes, depende da construção pessoal e coletiva da percepção étnica. Infere-se que o discurso da “democracia racial”, além do preconceito contribuem para o afastamento dessa percepção. Desta forma,

Estamos tratando aqui de um fenômeno semelhante a pesquisa feita pelo jornal Folha de São Paulo onde 89% dos brasileiros diziam haver preconceito com cor contra os negros, mas só 10% admitem tê-lo. Schwarcz apontou que ninguém negra que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída ao “outro”. Seja da parte de quem age de maneira preconceituosa, seja daquela de quem sofre com o preconceito, o difícil é admitir a discriminação e não o ato de discriminar (SCHWARCZ, 2012, p.31).

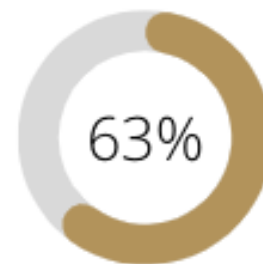
Dentre as respostas do formulário, observou-se que os educadores que se declararam brancos (a), 54,2% nunca presenciaram qualquer ato de racismo na infância. Os educadores declarados negros(a), pardos(a) responderam também se na infância haviam passado por alguma situação de racismo, e cerca de 63% responderam que sofreram algum tipo de racismo na infância. Esses dados são norteadores para compreender como o racismo age no cotidiano daquele que sofre o racismo e como ele é ignorado pelos não-negros, compreendendo que o racismo estrutural está presente nas relações.

2. Educadores negros e brancos que presenciaram situações de racismo em sua infância.

Quantidade de pessoas declaradas brancos(a) que **não** presenciaram uma situação de racismo na infância



Quantidade de pessoas declaradas negros(a) e pardos(a) que **passaram** por situação de racismo na infância



Os dados apresentaram importantes pontos de reflexão, como cerca de 63% dos educadores negros(a) e pardos(a) terem sofrido racismo quando criança. E 54,2% dos educadores brancos(a) afirmaram não terem presenciado uma situação de racismo quando eram crianças. Esta questão foi posta no questionário para aferirmos como os educadores se veem com relação a sua etnia e quais destes se sentiam a vontade de responder se já sofreram racismo em sua infância. O olhar para o racismo,

especialmente na educação infantil, precisa estar muito apurado e desconstruído para ser presenciado e principalmente combatido.

Nesse sentido, Schwarcz (2006) afirmou que a problemática de socialização brasileira nos âmbitos da raça e do racismo ainda é uma incógnita para a população em geral, mas o fato é que o racismo estrutural está presente em todo o cenário e relações.

Ao mesmo tempo que convivemos não com a realidade, mas com o ideal alentado de democracia racial, práticas discriminatórias vigoram entre nós, e apresentam-se nos locais mais insuspeitos: na escolaridade, na mortalidade, no acesso ao trabalho, na distribuição geográfica, na renda, no matrimônio e até mesmo no lazer. (SCHWARCZ, 2006, p. 8).

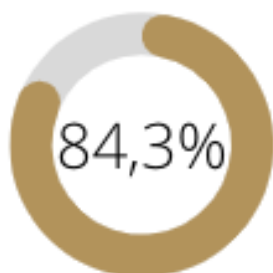
O racismo, todavia, é parte da estrutura social e é preciso combatê-lo com muita atenção. O silêncio apontado por Cavalleiro (2000) não deveria ser uma ação dos educadores. Porém, para tal rompimento seria necessário uma ruptura com os moldes atuais de ensino como Gomes (2016) sugeriu abaixo:

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciemos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre a escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. (GOMES, 2016, p. 102).

Desta forma, descolonizar os currículos e formar educadores em letramento racial é parte da questão porque primeiro é preciso reconhecer que há um problema. O formulário disponibilizado aos educadores demonstrou que a maioria compreende a necessidade de tratar o tema racismo nas escolas, e mais da metade assume já ter tido formação sobre o assunto. Abaixo os dados estatísticos:

3. Quantidade de educadores (a) que recebeu formação sobre racismo e quantidade de educadores (a) que consideram importante falar sobre racismo na escola:

Quantidade de educadores que recebeu alguma formação sobre racismo

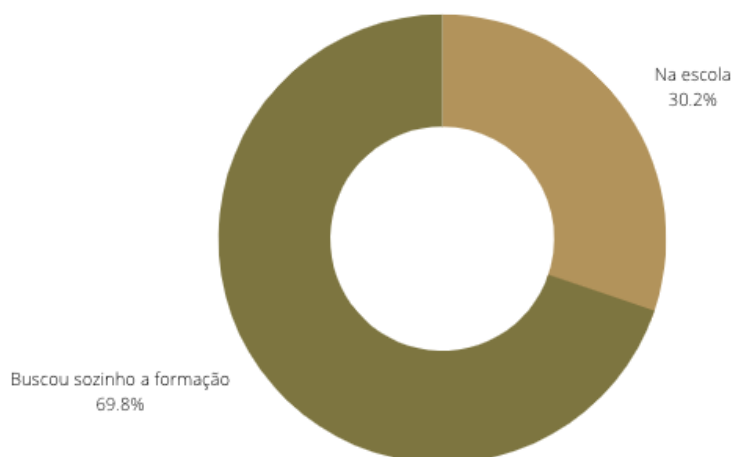


Quantidade de educadores que acham importante falar sobre racismo nas escolas



Conforme gráfico abaixo os dados são ainda mais conclusivos quanto a formação:

4. Quantidade de educadores que receberam formação dentro da escola ou buscaram sozinho(a) fora da escola:

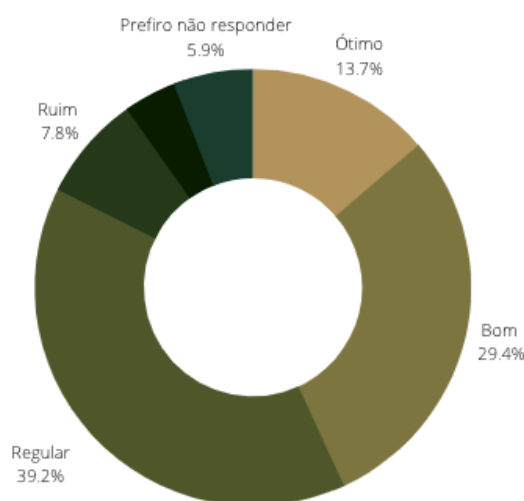


A maior parte dos educadores 69,8% buscaram a formação continuada, ou seja, eles têm interesse sobre o tema independente da ação da escola e do Estado, o que torna importante dentro da escola porque o racismo deve ser combatido diariamente. Sendo assim, se os educadores têm interesse no tema, e tem a formação para isso, presume-se que nossas crianças estão amparadas no ponto de vista da legitimidade dos docentes para lidar com o tema. O que esta pesquisa buscou aferir é justamente esse conjunto de conhecimento sê aplicado de maneira congruente pelos educadores.

Há um recurso utilizado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo em todas as escolas públicas chamado de Indicadores de Qualidade na Educação

Infantil Paulistana que visa garantir os direitos básicos de bebês e crianças. Este documento é preenchido com a colaboração do grupo de trabalho representado por diretorias regionais, diretores de escolas, professores, coordenadores pedagógicos, assistentes dos diretores, supervisores escolares que acompanham as ações da Educação Infantil. O documento é uma forma das Secretarias Municipais terem um balanço de como as escolas estão funcionando, qual a situação, avaliação da estrutura física, autoavaliação, e organização de planos de ação. Os grupos de trabalho preenchem este documento que inclui dentre outros temas as relações étnico raciais e de gênero. Segundo educadores que responderam ao formulário desta pesquisa, com relação a questões étnico raciais, o que acham dos Indicadores de Qualidade:

5. Quantidade de educadores que responderam sobre a qualidade dos Indicadores de Qualidade oferecido pela Secretaria Municipal de São Paulo:



O Indicador de Qualidade de relações étnico raciais e de gênero foi considerado bom ou regular, mas ao questionar os educadores se há um retorno da Secretaria Municipal de Educação com os dados coletados, a maioria informou nunca terem tido acesso a esta informação, e em pesquisa ao site da secretaria não há dados sobre o resultado dos indicadores de qualidade. Os educadores informaram que possuem formação e entendem a importância de se falar sobre racismo dentro das escolas, e conhecem a lei 10.639/03 conforme gráfico abaixo:

6. Educadores que consideram importante falar sobre racismo nas escolas:

Educadores que acham importante falar sobre racismo nas escolas:

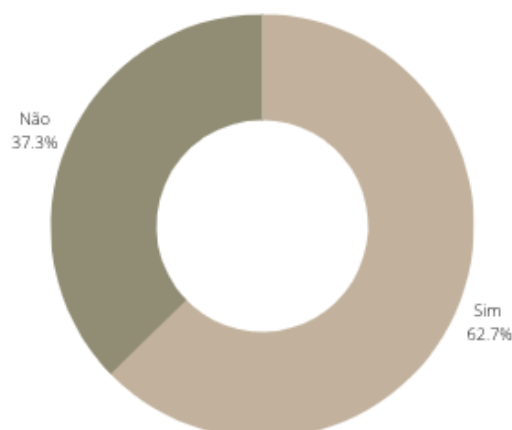


Há um tabu dos educadores em tratar o tema diretamente com as crianças mesmo possuindo informação e formação sobre o assunto. Por que ainda temos casos de crianças que sofrem racismo dentro das escolas? Por que parte dos educadores ainda temem discuti-lo? Foram questões que permearam a pesquisa.

Em 2003 foi sancionada a Lei Federal nº 10.639 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. Questionando os educadores sobre a lei, os dados apresentaram a estatística abaixo:

7. Quantidade de educadores (a) que conhecem a lei 10.639/03:

Porcentagem de educadores que conhecem a lei 10.639/03



A maioria dos educadores que responderam ao formulário conhecem a Lei Federal 10.639/03. A lei foi instituída com o objetivo de enfrentar o racismo estrutural e acolher a história e cultura afro-brasileira, e possibilita que as crianças compreendam seu passado histórico, contribuindo, assim, para a formação da identidade dos educandos, de forma positiva .

Oliveira (2021) tratou do conceito racismo sob perspectivas múltiplas, em que a modernização colocou o conceito sob vieses que acabam por reduzir as narrativas e naturalizá-las, dificultando assim uma reflexão mais profunda sobre o tema, e, o projetando apenas sob o comportamento do indivíduo que pratica o racismo, e não possibilitando questionar a estrutura da qual este indivíduo está inserido.

Mais que isso, essas narrativas reduzem o problema a uma mera questão comportamental, um desvio de conduta e, assim, aproximam-se justamente de uma concepção funcionalista. [...] O racismo aparece, à primeira vista, como um comportamento, uma atitude que se explicaria apenas pelo caráter ou pela conduta da pessoa – tenta se travestir de uma perspectiva estrutural ao essencializar o sujeito praticamente em um lugar racializado. (OLIVEIRA,2021, p.59).

Nota-se que, Oliveira (2021) critica a análise do racismo apenas na perspectiva individual, o que pode fragilizar um conceito fundamental. Neste aspecto, a internet vem sendo um fator que, por vezes prejudica o entendimento social sobre o racismo estrutural, porque trata o tema com a superficialidade que as redes exigem: um minuto de vídeo, 280 caracteres, ou 30 segundos de stories. Com isso, a ilusão de que o combate ao racismo estrutural pode ser feito através do indivíduo e de seu comportamento acabam desviando a atenção de muitos à perceber que o racismo é

um produto estruturante, logo, para combatê-lo é necessário enfrentá-lo radicalmente em suas estruturas, como o Estado por exemplo, e aqui vamos usar o Estado como estrutura da Escola, no qual os educadores fazem parte, mas não o são.

Schwarcz (2006) ponderou que um meio de enfrentamento ao racismo estrutural são as ações afirmativas que permitem a sociedade reagir perante as desigualdades

O fato é que estamos bem na “boca do furacão”, de um lado, vale a pena retomar as máximas da antropologia social – disciplina constituída em um momento dramático de encontro de civilizações. (...) De outro, não há como negar a evidência do racismo, presente no nosso dia a dia e nas falácias do cotidiano. Nesse sentido, as ações afirmativas representariam uma estratégia política para a abertura de um processo de negociação, a longo prazo, sobre as maneiras como a sociedade brasileira responde a desigualdade. (SCHWARCZ, 2006, p.)

Importante notar que a elite política e econômica brasileira não realizou ações de reparação referente aos anos de escravização, no qual a população negra foi e ainda é fortemente prejudicada. Sobre esse tema, um estudo de Munanga(ano), intelectual e professor defensor de políticas de reparação, apontou que do total dos universitários brasileiros, 97% são brancos, 2% negros e 1% descendentes de orientais, ou seja, temos uma problemática para resolver no quesito educação, especialmente antes dos governos do PT e das políticas de cotas.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) () (2019) mostram as políticas de cotas implementadas no país em 2012 fez com que o número de pessoas pretas ou pardas em escolas públicas fosse para 50,3%, enquanto em escolas particulares o número é de 46,6%, dados que avançaram em relação à pesquisa do de Munanga (2001).

O ano de 2022 é um ano importante para a Lei de cotas que completa dez anos, quanto ela passará por uma nova avaliação de seus efeitos no país conforme sancionado pela presidenta Dilma Rousseff em 2012. Segundo os dados apontados, é inegável que as cotas contribuíram para o acesso da população preta e parda nas instituições de ensino superior, mas é preciso avançar. Políticas públicas reparadoras de injustiças sociais precisam ser ampliadas, é necessário que as populações vulneráveis participem da melhora econômica, social, educacional e de saúde, assim, avançaremos todos para o fim das desigualdades.

Todavia, para Munanga (2001), ainda estamos em um verdadeiro abismo educacional se compararmos negros e não-negros, e que seria necessário anos para alcançarmos igualdade, isso se numa possibilidade utópica os brancos parassem no tempo até que negros os alcancem.

Deduz-se dessa pesquisa que, se por um passe de mágica, os ensinos básico e fundamental melhorassem seus níveis para que os alunos pudessem competir igualmente no vestibular com os estudantes oriundos dos colégios particulares bem abastecidos, os alunos negros levariam cerca de 32 anos para atingir o atual nível dos alunos brancos. Isso supõe que os brancos fiquem parados em suas posições atuais esperando a chegada dos negros, para juntos caminharem no mesmo pé de igualdade. (MUNANGA, 2001, p.33).

Dados nos mostram as dificuldades brasileiras em lidar com o racismo estrutural e as marcas irreparáveis para a educação, pois em tempos atuais parte dos educadores ainda se sentem inseguros para a prática do cotidiano com as crianças.

Retornando aos estudos de Cavalleiro (2000, ela descreveu, diversas situações que presenciou sobre as relações criança e adulto (educador) e a maneira como o docente elucida às crianças as diferenças étnicas da sociedade brasileira.

Na história há o patinho feio. A gente conta, aquele patinho feio é como se fosse o preto e os outros eram mais bonitos. No fim, ele vira cisne. Porque ele não era patinho, ele era cisne. É uma diferença também racial. Depois, ele ficou bonito, quer dizer que quando cresce ele pode ficar bonito. (...) A gente trabalha a história de um patinho, ou alguma outra coisa, mas a gente faz a história como se a criança fosse o patinho. Depois ela fica bonita e tudo (...). (Ana) (CAVALLEIRO, 2000, p. 70).

Nesse relato a professora buscou uma analogia das crianças negras com o patinho feio, como sendo o único diferente que depois pode ficar bonito. Em outro relato, contido no mesmo livro, outra educadora busca outra explicação para as diferenças étnicas: “Eu antigamente, em sala de aula sempre falava: Nós somos todos iguais, se a gente cortar o dedinho o sangue sai igualzinho. Não é essa cor da pele que vai fazer diferença”. (Clara) (CAVALLEIRO, 2000, p. 71).

Percebe-se, nitidamente, que em ambos os depoimentos o docente buscou minimizar as contradições sociais reativas ao racismo estrutural.

Torna-se complicado encontrar igualdade diante de tratamentos tão desiguais. Esse modo de explicar as diferenças mostra-se distante da realidade cotidiana das crianças, tendo em vista que o dia a dia não

lhes oferece provas de igualdade. Ao contrário, confirma a existência de tratamentos diferenciados pautados na origem étnica. (CAVALLEIRO, 2000, p. 71).

Como forma de ilustrar, identificamos abaixo os relatos presentes na pesquisa de Cavalleiro (ano)

Parte dos educadores utilizou o termo “somos todos iguais” para explicar as crianças suas diferenças étnicas e salientar que o racismo é errado, coisa de gente mal-educada. Questionado a eles sobre o que diriam á uma criança caso ela sofresse racismo, as educadoras responderam abaixo algumas sentenças:

- a) “Eu mostraria exemplos de pessoas que venceram na vida com garra e muito esforço. Que independente da cor somos iguais e devemos ser respeitados e ter o mesmo direito, e dar o apoio, passar segurança.” (sentença escrita no formulário).

A educadora buscou dar exemplos de pessoas negras que tiveram notoriedade no trabalho e na vida para que a criança se espelhe e se identifique.

- b) “Que ela fique bem, pois ela e linda e perfeito e todos somos iguais, a pessoa que a ofendeu e que tem problemas. (sentença escrita no formulário).

A educadora tentou demonstrar que o racismo não é culpa da vítima, e sim da pessoa que pratica, que ofende, além de destacar o conceito de igualdade do senso comum, onde traz a ideia de uma democracia racial.

- c) “Todas as pessoas são iguais independente da cor provando isso diria da um beliscão na pessoa que praticou racismo com você e veja ela sentirá a mesma dor somos todos iguais independente da cor da raça. (sentença escrita no formulário).

Essas sentenças remetem ao sentido demonstrado por Cavalleiro sobre qual é o papel da escola neste contexto.

O necessário papel da escola em perceber o problema e buscar estratégias para a sua superação parece não ser considerado. A criança, indefesa em sua pouca idade, é apontada como aquele que deve, além de tudo, buscar meios de compreender tudo sozinha e elaborar um novo sentido para o seu pertencimento étnico. (CAVALLEIRO, 2000, p. 68).

Percebe-se pela pesquisa de Cavalleiro, que os educadores não têm a percepção do racismo estrutural, porque supõem que o racismo está no

comportamento individual da criança que ofende. Pois, o educando está reproduzindo informações sociais, e que pode ter vindo tanto através da família quanto do próprio educador que os aconselha.

Ainda no trabalho de Cavalleiro há nas respostas dos educadores um padrão de individualizar tanto o racismo sofrido, quando a solução apontada.

- d) “Que ele não deve se sentir inferior que deve lutar por seus direitos”. (sentença escrita no formulário).

A educadora diz que a criança deve lutar por seus direitos, sem colocar o racismo como centro da discussão e o trazendo de maneira distante do entendimento da criança.

- e) “Diria que ela deveria analisar porque sofreu isso, o que a faz ser diferente da pessoa que cometeu a ação, e transformar aquilo no seu ponto mais especial”. (sentença escrita no formulário).

Ao dizer à criança que ela deve analisar o que aconteceu, ou seja, fazer uma reflexão, é possível perceber que a educadora transfere ao educando a responsabilidade de lidar com o acontecido, e reforça o que Cavalleiro apontou

É flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para se relacionarem com os alunos negros, evidencia também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar. Interagem com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades. (CAVALLEIRO, 2000, p. 98).

- f) “Que precisamos trabalhar isso dentro dela porque existem pessoas más”. (sentença escrita no formulário).

Diante das constatações apresentadas nas pesquisas da autora, pode-se inferir que não será possível combater o racismo na infância se os educadores não compreenderem que as crianças não têm estrutura para combater as violências sofridas, desta forma, é necessário que os adultos dotados de maturidade e compreensão sobre o tema assim o façam, pois

O necessário papel da escola em perceber o problema e buscar estratégias para a sua superação parece não ser considerado. A criança, indefesa em sua pouca idade, é apontada como aquele que deve, além de tudo, buscar meios de compreender tudo sozinha e

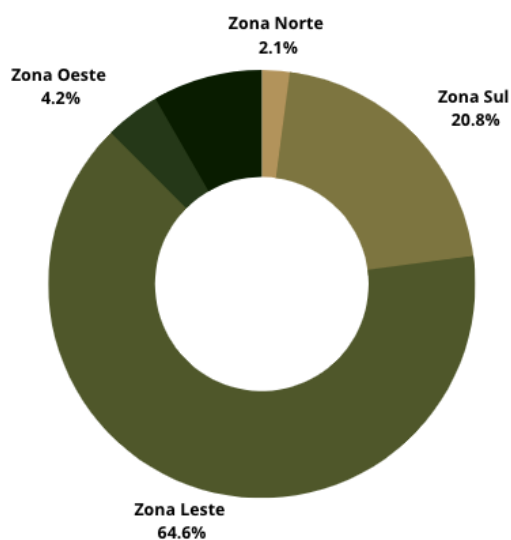
elaborar um novo sentido para o seu pertencimento étnico. (CAVALLEIRO, 2000, p. 68).

Neste sentido, deve-se especial atenção aos docentes, principalmente aos negros e negras, que por vezes já sofreram racismo, refletindo como é ter que lidar com uma situação de racismo agora do ponto de vista da maturidade adulta? Cavalleiro (ano) expõe que a maior parte dos educadores silenciam para afastar a dor de sofrer o racismo. De fato, encarar o racismo não é uma missão fácil, e só quem sofre pode descrever, mas se tratando da estrutura que a escola Estado propõe é violento, principalmente aos educadores negros. Pois, além de não haver preparo para eles lidarem com as próprias questões, como será possível fazê-los lidar com as questões das crianças?

Oliveira (1994) apresenta outra reflexão importante e que tem a ver com a temática exposta, ela reflete sobre a precariedade dos equipamentos materiais e humanos, no âmbito da educação infantil, e o uso significativo destes da população negra. Assim

[...] A creche sofre uma desvalorização profunda no seu cotidiano, por conta dessa presença maciça de negros, na medida em que existe uma desvalorização social do negro. Então eu acho que as pessoas na creche, no seu cotidiano, não conseguem valorizar mais determinados trabalhos, por conta dessa desvalorização. (OLIVEIRA, 1994, p. 36).

Nota-se, a partir desta afirmação, que o ambiente escolar também reflete o racismo estrutural na sociedade brasileira. Nossa pesquisa demonstra, na visão dos professores que está questão ainda persiste. A maioria dos docentes entrevistados são de escolas públicas das periferias da cidade de São Paulo, especialmente, as Zonas Leste e Sul.



É necessário um pano de fundo para entendermos o ambiente e estrutura social disponibilizada pelo Estado aos educadores. Segundo dados da Nossa São Paulo de 2021, o tempo de atendimento para uma vaga na creche nas zonas sul e leste são as piores, em que o tempo pode chegar até cento e cinquenta e oito dias como demonstram os dados do distrito de Marsilac. Outro dado que apontamos é que o abandono escolar é maior também nessas regiões em que o distrito da Mooca é o segundo distrito com maior evasão com 0,42%. Em saúde o distrito da Cidade Tiradentes é o distrito onde a média de vida é a mais baixa de São Paulo cerca de 58,3 anos de vida.

Todos esses dados nos levam a refletir sobre como o educador está envolvido pelo sistema racista e muitas vezes se quer se perceber dentro desta estrutura.

Seria possível que o letramento racial crítico como apontou Ferreira seria o começo da mudança? Diante do abismo que vimos através dos números, quais outras estratégias de alcance nos seria possível?

3) Memórias do racismo

Em entrevista qualitativa com duas educadoras selecionadas através do formulário foram obtidos relatos de uma infância permeada pelo racismo estrutural. Foram memórias que descreviam como o racismo permeou as suas vidas e suas relações com as pessoas e com a escola.

Foi solicitado que as educadoras descrevessem suas infâncias e ambas relataram uma infância de muita violência, sejam elas sofridas em casa ou na escola.

[...]Eu lembro dos colégios estaduais, tinha muita pouca criança negra, muito pouco, a maioria não ia pra escola. (...) E eu me lembro que na hora do recreio assim, eles me discriminavam, eles ficavam assim em grupinhos fora da sala, na sala de aula era interesse, me zoavam: era picolé de asfalto, era frango de macumba, era macaca. (Entrevista de C.A realizada em 9 de Setembro de 2022).

Cavalleiro (2000) alertava sobre o perigo do racismo na infância e seus efeitos.

[...]para os indivíduos negros, a experiência escolar também parece repleta de acontecimentos prejudiciais, o que dificulta a aquisição de uma identidade positiva, ao mesmo tempo que lhes confere o lugar daquele que não é bem-vindo e aceito no grupo.(CAVALLEIRO, 2000, p.10)

Outro trecho da entrevista revela os aspectos comportamentais na infância da entrevistada.

Eu era uma criança muito retraída, eu não era tão extrovertida, eu tinha medo de tudo porque na minha primeira série, como eu tinha o cabelo muito fuá, as crianças puxavam o meu cabelo. Então eu evitava me relacionar com as outras crianças. (Entrevista de M.V realizada em 19 de Setembro de 2022).

É comum o relato de crianças negras com relação a apelidos e xingamentos que estão ligados à traços físicos e cor da pele. Cavalleiro (2000) identificou que a dificuldade da escola em proporcionar uma identidade positiva faz com que a criança negra se retraia para inclusive se defender de agressões que possam acontecer.

Nas entrevistas foi necessário identificar na vida pessoal das educadoras pontos que pudessem contribuir para a pesquisa trazendo memórias que fortalecem as profissionais dentro do ambiente escolar e junto as crianças negras. E ainda, trazidos à tona memórias e complexos que hoje ainda se torna difíceis de serem acessadas pelo sofrimento que essas violências causaram nas educadoras. As perguntas foram destinadas à vida, a família, e principalmente a relação das educadoras com a escola. E ao destacar a escola foi necessário entender que os rastros do racismo estrutural também afetavam a vida delas dentro da escola, as violências sistêmicas permeavam os depoimentos a todo tempo.

Então minha mãe vivia me deixando em casa de conhecidos que o que? Me fazia de empregada. Criança, 10, 11 anos empregada doméstica, era pra ficar na casa da comadre, das conhecidas e elas me faziam de empregadas. (Entrevista de C.A realizada em 9 de Setembro de 2022.).

Gonzales (1984) refletiu sobre o mito da democracia racial revela violências simbólicas sobre as mulheres negras principalmente, e em seu cotidiano isso se expressa através da domesticação delas.

Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. (GONZALES, 1984, p. 228).

No Brasil, segundo o censo da Educação Básica de 2020 existem cerca de 593 mil docentes na educação infantil e deste número apenas 3,6% são homens. Como Gonzales apontou, a neurose cultural brasileira que se dá pelo racismo e sexismo. É possível inferir que esse fenômeno atinge principalmente as mulheres negras, e no caso da educação básica onde a maior parte das docentes são mulheres com cerca de 49% de docentes negras. A discussão de Gonzales é visível na vida das educadoras, o que explica o relato da educadora sendo empregada doméstica aos 10 anos de idade. Essa noção de que uma menina negra até então pode ser transformada em empregada doméstica é legitimada socialmente pela cor da pele conforme explica Gonzales ao definir que esta neurose cultural.

Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (GONZALES, 1984, p. 224).

A violência sistêmica da qual as mulheres negras são expostas está relatado por ambas as educadoras entrevistadas.

Eu fazia xixi (na cama) todas as noites, tinha que pegar toda a roupa de cama, botar na cabeça e levar pra lavanderia, que tinha umas mulheres brancas que trabalhavam lá.. E aí eu ia todo santo dia... todo santo dia. Com aquela pilha na cabeça, roupa de xixi, roupa de cama. E lá, imagina, era uma lavadeira grande, tinha aqueles ferros grandões assim, aí um dia a mulher tirou da minha cabeça, e falou vem aqui: pegou meus braços e encostou no ferro quente, eu tenho a marca até hoje, quando eu era mais nova, é... Ainda eram maiores. Ela encostou. Aí eu chorei, chorei, e aí fez bolhas. (Entrevista de C.A realizada em 9 de Setembro de 2022).

A educadora descreveu uma violência física que veio através de sua professora dentro da escola. Quando questionada se havia intervenção ou acolhimento da escola quando ocorreu essa violência, ela respondeu que não, que não era acolhida pelas

professoras e as descreveu como brancas, e nem tivera o apoio da família já que a família a fazia de empregada doméstica e não havia espaço para que ela contasse o que passava dentro da escola. Perguntado a educadora como ela descrevia a professora que a agrediu ela respondeu: “Branca. Tinha cabelo loiro, liso...”

Ambas as educadoras descreveram o fato de fazerem xixi na cama quando criança e atribuem isso as violências sofridas dentro e fora da escola. Crianças negras que não eram acolhidas pelos familiares e na escola. Conforme relato a educadora descreve um acolhimento que recebeu de sua professora.

Como a gente apanhava muito, eu e meus irmãos fazíamos muito xixi na cama, e a gente se levantava de manhã pra ir para a escola e as vezes não dava tempo de tomar banho, e a gente ia, e ia todo marcado porque meu pai batia muito, a gente não tinha a preocupação de tampar os hematomas, porque ele batia com a fivela do cinto. E essa professora ela dava uma atenção especial pra mim, que hoje eu percebo, mas na época eu não percebia porque ela tinha tanto carinho, tanto cuidado com a minha pessoa, ela me colocava do lado da mesa dela pra me alfabetizar, com toda paciência do mundo, ela me colocava pra ajudar, eu era responsável pela chave do armário dela, eu pegava o material pra ela, eu distribuía para as crianças, acho que é por isso que eu sou assim hoje, e depois disso eu não reprovei mais, eu fui pegando gosto, eu chegava em casa e queria escrever, escrever...Eu queria ser professora. (Entrevista de M.V realizada em 19 de Setembro de 2022.).

Foi pedido a esta educadora que descrevesse a professora que a acolheu: “Ela era morena, cabelo liso, preto.”

Foi possível identificar através dos relatos das educadoras que quando havia agressão, a professora envolvida era descrita como branca. Quando houve um acolhimento a educadora descreveu a professora envolvida como morena.

Gonzales (1984) refletiu que para além da neurose brasileira que constitui o racismo e sexismo e a ideia de que o mito da democracia racial foi aceita pelo povo brasileiro, e isso pode causar diversos conflitos atuais que, ao achar que somos todos iguais não nos atentamos para o fato de que o racismo estrutural é que estrutura a sociedade e as relações, logo, há um senso comum que não se coloca dentro dessa responsabilidade coletiva de combater o racismo como estrutura, e que esta estrutura é que sustenta as violências que esta pesquisa levantou através de dados e relatos.

Observa-se que parte dos educadores que responderam a esta pesquisa utilizam o termo “somos todos iguais”, o que reflete diretamente em sua prática pedagógica de combate ao racismo. O efeito que se dá a partir do público que esta

pesquisa buscou levantar que são as educadoras da infância e partir de memórias e experiências vividas a partir de mulheres negras nos traz a consciência de que educadores negros têm memória de sofrimento e violências não vividas pelos educadores brancos.

Na pesquisa qualitativa as educadoras disseram sobre a relação racismo memória delas, e racismo e sua prática para com as crianças. Foi perguntado a educadora se fez diferença para ela as experiências vividas na infância enquanto criança negra e depois a sua vivência como educadora em sala de aula,

Sim, claro porque eu fiz a diferença, tudo o que eu queria: o colo, ser chamada de bonita, interagir, tudo o que eu senti falta, que eu não tive, eu dei para as crianças, eu realizei, mesmo na formação de professores, nas formações, nas rodas de conversa eu sempre incentivo, para as práticas protetivas, acolhedoras, e não discriminatórias entendeu? Então isso balizou muito a minha atuação enquanto educadora. (Entrevista de C.A realizada em 9 de Setembro de 2022).

A educadora M.V traz a questão de tratar a criança como ela gostaria de ter sido tratada na infância, do quanto fez falta para ela o acolhimento dentro da escola.

Então hoje, quando eu vejo uma criança negra, eu me relaciono com o meu passado, como eu gostaria de ser tratada na época? E é assim que eu trato as minhas crianças, como eu gostaria que tivessem me visto? Então eu procuro tratar da melhor forma as minhas crianças, acolhê-las da melhor forma possível. Eu passei muitos anos com progressiva no cabelo, e quando eu me tornei pedagoga, que veio a questão de a gente trabalhar a questão étnico racial eu falei: meu, como eu vou falar para as crianças aceitar o cabelo, se eu não demonstro isso, mas verdade a gente demonstra mais pelas atitudes do que pelas palavras, então eu quis transformar meu cabelo, deixá-lo vir natural, pra que eu possa trabalhar com as minhas crianças. (Entrevista de M.V realizada em 19 de Setembro de 2022).

A educadora M.V fala do acolhimento, de proporcionar a criança aquilo que ela não teve, da identificação da criança com ela, e a questão do cabelo que é um ponto relevante para a autoestima, e descreve que ao se modificar contribuirá para a imagem positiva das crianças, e de alguma forma se tornando referência naquilo que a criança vê. Questionando a educadora se há projetos relacionados a temática racial e como ela enxerga isso dentro da sua unidade escolar:

As pessoas trabalham a questão étnico racial muito pouco, e assim, é só quando a coordenadora cobra, porque do contrário, mesmo sendo

uma obrigação nossa, mesmo estando no currículo, a gente vê muito pouco a prática dos professores. (...) Então quando eu digo preguiça eu digo no sentido de você buscar a informação, porque essa formação não nos é passada, só jogam: olha você tem que trabalhar isso, a coordenadora fala: tem tal livro, tem livro. Mas a formação em si a gente não tem. Se a gente quiser a gente vai buscar, e quem não vai buscar é por quê? É porque tem preguiça gente, as pessoas muitas vezes são acomodadas. (Entrevista de M.V realizada em 19 de Setembro de 2022).

Percebe-se que a questão étnico racial na perspectiva desta educadora e pela sua vivência dentro da unidade não é trabalhada e ela atribui isso à falta de interesse dos educadores, mas também a pouca instrução que recebem da Secretaria Municipal de Educação que tem a responsabilidade de formar os educadores para a pauta. Além de haver um problema individual com o tema temos um problema estrutural de instituição do Estado. O enfrentamento ao racismo na educação infantil só acontece se os educadores estiverem em conjunto com a direção, coordenação e comunidade. Mas, ao tratar da educação básica, o educador que está dentro da sala de aula com as crianças é aquele que estará mais próximo a criança, e fará parte de seu processo educacional diretamente. Os educadores compreendam o tema e os domine para que um bom trabalho seja feito, é preciso que os educadores se entendam como parte do problema, e que possam assim entender que também são parte da solução.

Importante notar que, existe uma lei que garante às crianças negras um ensino direcionado as suas identidades positivas, a lei 10.639/03 que estabelece o ensino de História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e políticas pertinentes a história do Brasil.

4. Considerações finais

As considerações finais desta pesquisa apresentam certa preocupação, mas também a responsabilidade do enfrentamento ao racismo. Como arte educadora ofereço o acolhimento e a escuta às dores das crianças negras, que não são poucas.

Estive do outro lado da moeda e sei o quão doloroso é ser uma criança negra, não ser ouvida e não ter o acolhimento necessário para as minhas dores, dores estas que refletem até os dias de hoje em minha vida e nas minhas relações. Através da arte compreendi em mim a criança que precisava de acolhimento, então busquei nas escolas aliados para os novos processos que ali tanto se formam.

É necessário que os educadores compreendam que somos um país e um povo que foi historicamente apagado, que teve sua cultura massacrada e transformada pelo racismo, e esse processo de reintegração daquilo que somos passa também pelo sujeito educador. O educador que se compreende negro, e parte dessa formulação de país também terá que cumprir o seu processo pessoal de identificação, e se perceber e aprender como agir. Precisamos de educadores bem formados e instruídos com o letramento racial, assim o agir parte para a prática que precisamos.

Ao ler Eliane Cavalleiro foi possível ter contato com uma pesquisa que vinha ao encontro com o que buscava demonstrar, e mesmo passado 19 anos encontro os mesmos pontos de tensão, a escola e a família silenciando as dores das crianças negras, mesmo que sem querer. As dores de uma criança negra existem e devem ser pautadas na educação infantil.

O conceito que Lélia Gonzales nos traz sobre a neurose cultural brasileira nos dá um parâmetro do quão violento pode ser esse processo, abrir as camadas internas e subjetivas de um sujeito é a missão para os profissionais da área da psicologia compreender, mas, aqueles que estão à frente da educação infantil precisam cumprir as premissas, porque aquilo que o educador tem de bagagem é o que ele entregará as crianças no cotidiano escolar. E por isso o educador não pode negligenciar as suas práticas. O mito da democracia racial não pode ser levado a frente, é preciso dar um passo para trás, compreender as amarras e assim buscar as ferramentas de desconstrução. De fato, sabemos que não será um processo fácil, assim como não é para as crianças negras conviver com aquilo que elas sequer entendem e têm a maturidade de entender e ressignificar.

Como sugestão, entendo que os educadores podem adotar conteúdos que reforcem a beleza das crianças negras, que tratem a beleza de seus cabelos, a cor da sua pele, e seus traços físicos. É importante ressaltar para as crianças que a diversidade existe, mas as crianças negras não têm o acesso à representatividade positiva como as crianças não-negras têm. Literatura, desenhos, filmes, brinquedos, anúncios

publicitários são conteúdos extremamente relevantes para a construção da identidade das crianças, por isso a importância dos educadores em selecionar os conteúdos que façam a função da valorização.

Todos os conteúdos que precisam ser trabalhados com as crianças negras passam pela estrutura do racismo, por isso alerta aos educadores para este cuidado ao selecionar esses conteúdos. Somos uma país estruturalmente racista, estrutura esta que não valoriza a cultura negra, que permite que a população negra viva às margens da sociedade, estando vulneráveis na educação, cultura, saúde, emprego e moradia. Essa estrutura racista perversa que muitas vezes coloca os indivíduos como responsáveis pelo racismo é que precisa ser combatida, é o Estado, são as elites detentoras do poder econômico quem força esta estrutura para os mais vulneráveis, que somos nós, que precisamos dia a dia combatê-la.

Ao final desta pesquisa busquei alinhar o discurso com a prática ao adquirir o letramento racial, um olhar importante de ruptura para moldes que não nos interessam. É preciso agir, é urgente!

O chamado para o letramento racial é uma oportunidade de dar ao outro humanidade, neste caso, dar as crianças negras humanidade.

6. Referências bibliográficas.

Alves, J. A. L. (2006). Diferencialismo e igualitarismo na luta contra a discriminação racial . *Revista USP*, (69), 14-25. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i69p14-25>. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13509/15327>> . Acesso em 17 ago. 2022.

CAVALLEIRO, E. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, Preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRDA, D. Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara, 2021.

Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf> Acesso em 05 out.2022

GOMES, Nilma Lino: Professora Associada da Faculdade de Educação da UFMG. Doutora em Antropologia Social/USP e Pós-Doutora em Sociologia – Faculdade de Economia – Universidade de Coimbra. Coordenadora Geral do Programa Ações Afirmativa na UFMG, 2012.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Luiz Antônio Silva (Org.). Movimentos sociais, urbanos, memórias étnicas e outros estudos. Brasília: Anpocs (Ciência Sociais Hoje, 2), 1984, p. 223-244.

Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf Acesso em: 15 set. 2022.

MUNANGA, Kabenguelê. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de contas. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 4, n. 2, 2007. DOI: 10.5216/sec.v4i2.515. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/515>. Acesso em: 13 out. 2022. Acesso em: 17 ago.2022

Rede Nossa São Paulo. Mapa da Desigualdade 21. Prefeitura de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Mapas.pdf> Acesso em: 16 ago. 2022.

SÃO PAULO DIVERSO: Fórum de desenvolvimento econômico inclusivo. Igualdade racial em São Paulo: avanços e desafios. Prefeitura de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/Relatorio_Final_Virtual.pdf> Acesso em: 7 ago. 2022.

SCHWARCZ, Lilian. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo, 2012.

_____(2006). Na boca do furacão . *Revista USP*, (68), 6-9. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p6-9>. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13478/15296>> Acesso em 17 ago. 2022.

7. Anexos

ENTREVISTA COM A EDUCADORA C.A (62 anos, negra retinta, moradora do Centro de São Paulo / Professora Aposentada)

Thamiris: Como foi a sua infância?

C.A: A minha infância que eu tenho lembrança, é... Foi num colégio interno de freiras, Educandário Nossa Senhora Aparecida, são as lembranças que eu tenho. Depois eu sai de lá criança ainda, que minha mãe tinha tido esse meu irmão, e morava com um homem que trabalhava... Os dois trabalhava na mesma casa. Acho que ele era jardineiro, motorista, não sei ... Aí ela engravidou do meu irmão e eu sei que aí ela me tirou do colégio, perdeu a vaga, sei lá. E aí eu me lembro que eu tinha uns 9 anos, minha mãe me deixava nessa casa e saia para trabalhar, eu gritava, gritava, gritava mais tinha que ficar com a minha irmã... Eram as lembranças que eu tinha. E assim de sempre estar na casa de comadre, de tia de criação, quase nunca com a minha mãe né, porque ela trabalhava. E os períodos que eu fiquei com a minha mãe ela acho que não tinha lugar pra morar, morava na casa de comadre que emprestava acho que por umas duas vezes, e mudava muito de casa, de cortiço, são as lembranças que me veio agora.

Thamiris: E como foi a sua infância dentro da escola, como uma criança negra?

C.A: Olha eu... Geralmente eu lembro dos colégios estaduais tinha muito pouca criança negra, muito pouco, a maioria não ia pra escola. E eu sempre tive uma coisa assim de ser falante, de me destacar, eu só nunca aprendi matemática, eu colava, agora as outras matérias eu era fera, e como eu sabia muito então as outras crianças colavam na minha, pra colar... Essas coisas. E eu me lembro que na hora do recreio assim, eles me discriminavam, eles ficavam assim em grupinhos fora da sala, na sala de aula era interesse, me zoavam: era picolé de asfalto, era frango de macumba, era macaca, era direto, mas quando tinha prova essas coisas, todo mundo colava na minha, tinha que fazer trabalho, era muito raro, era uma menina ou outra que fazia amizade comigo.

Thamiris: Meninas brancas?

C.A: Brancas, negras eu não me recordo.

Thamiris: E como era o seu relacionamento com os educadores, seus professores, tinha relação de afeto? Eles te acolhiam quando você passava por situações de constrangimento?

C.A: Não, não...Por vezes quando tava demais eles me advertiam, ou falava: para com isso, mas nem adiantava, já teve vezes de eu brigar dentro da sala, eu ir pra trás da porta, ficar em pé atrás da porta, com a cabeça na parede, do que os que estavam me zoando.

Thamiris: Você quem ficava de castigo no lugar das crianças?

C.A: É.

Thamiris: Por que era considerado que você que estava causando aquilo?

C.A: É. Eles me chamavam de macaca, de negrinha, de não sei o que, aí eu brigava né. Eu sempre fui.. Aí eu que ficava de castigo.

Thamiris: Então você reagia?

C.A: Sim, eu reagia.

Thamiris: E na sua casa, você falava isso para os seus pais?

C.A: Não porque minha mãe, a gente, não tinha contato assim, ela trabalhava, chegava a noite e não podia falar que brigou na escola, que apanhou na escola... E eu, que eu lembro, eu morei muito pouco com a minha mãe, colégio, casa de comadre, casa de tia, é... Até por conta de que como eu tinha ficado algum tempo no colégio, eu não aceitava aquela coisa, porque no colégio era grande, você tinha tua cama, aí eu tinha que é... Geralmente era quarto e cozinha, ou um quarto que você tinha que dormir todo mundo junto e eu não aceitava aquilo entendeu? Nossa eu ficava tão revoltada, tinha um inconformismo. Então minha mãe vivia me deixando em casa de conhecidos que o que? Me fazia de empregada. Criança, 10, 11 anos empregada

doméstica, era pra ficar na casa da comadre, das conhecidas e elas me faziam de empregadas.

Thamiris: E essas pessoas eram brancas?

C.A: Todas brancas.

Thamiris: Então você não tinha nenhum acolhimento na escola, nem em casa?

C.A: Não.

Thamiris: Guardava tudo pra você? Não falava pra ninguém as coisas que aconteciam?

C.A: Não tinha espaço né de falar... Um que meu apelido era pretinha, todas me chamavam de pretinha. Os conhecidos da minha mãe, me chamavam de pretinha. E hoje eu entendo, depois de muito tempo, pretinha não era só por conta da cor, era porque eu não pertencia a família entendeu? Fala com a pretinha. Ah, tá lá onde a pretinha dorme. Era pretinha, então era objeto de uso eu acho, a pretinha, por muito tempo era pretinha. Eu não era **C.A**, eu era pretinha. Entendeu?

Thamiris: Sim, não te chamavam pelo nome. Era pretinha. Conta aquela história da violência do ferro...

C.A: Ah isso foi no colégio.

Thamiris: Você já era grande?

C.A: Foi antes de eu sair, eu acho que eu tinha uns 8. Não, não era grande, tinha o que... Não acho que eu tinha uns 7 pra 8 anos. Eu fazia xixi (na cama) todas as noites, tinha que pegar toda a roupa de cama, botar na cabeça e levar pra lavanderia, que tinha umas mulheres brancas que trabalhavam lá.. E aí eu ia todo santo dia... todo santo dia. Com aquela pilha na cabeça, roupa de xixi, roupa de cama. E lá, imagina,

era uma lavadeira grande, tinha aqueles ferros grandões assim, aí um dia a mulher tirou da minha cabeça, e falou vem aqui: pegou meus braços e encostou no ferro quente, eu tenho a marca até hoje, quando eu era mais nova, é... Ainda eram maiores. Ela encostou. Aí eu chorei, chorei, e aí fez bolhas.

Thamiris: E você chorou sozinha?

C.A: Chorei. Aí quando eu voltei lá pro lugar, que tinha que tomar banho, se trocar, porque que tá chorando, aí eu falei aí ela me botou de castigo a freira, dizendo que eu estava mentindo e ficou como que eu tava mentindo. E aí eu fiquei de castigo, aí fez ferida.

Thamiris: E aí ninguém cuidou?

C.A: Fez curativo. Porque estourou né, ficou ó ... cê ta vendo? Uma mancha, cê imagino isso aqui criança. É.. feriu, ficou queimadura. Ela disse que eu que fui mexer no ferro. Mas a freira sabe que não foi, porque se eu tivesse ido mexer no ferro, eu tinha queimado só um lado e não os dois.

Thamiris: É, não teria como você segurar o ferro e se queimar ao mesmo tempo!

C.A: E ela me segurou no ferro quente.

Thamiris: E como que você percebe essa C.A da infância e a C.A pedagoga? O que essas experiências da sua infância contribuíram pro seu relacionamento com as crianças enquanto educadora, na sala de aula, isso faz alguma diferença?

C.A: Sim, claro porque eu fiz a diferença, tudo o que eu queria, o colo, ser chamada de bonita, interagir, tudo o que eu senti falta, que eu não tive, eu dei para as crianças, eu realizei, mesmo na formação de professores, nas formações, nas rodas de conversa eu sempre incentivo, para as práticas protetivas, acolhedoras, e não discriminatórias entendeu? Então isso balizou muito a minha atuação enquanto educadora.

Thamiris: E na sua prática, na escola você chegou a presenciar situações de racismo?

C.A: Sim, ainda tem muito preconceito, discriminação, racismo. Hoje não tão explícito, mas no tempo em que eu estava eu vivia arrumando confusão, era a pretinha... Aí é meu neguinho, é pretinha, ai essa pretinha cheia de piolho... Quando iam escolher a princesinha, a noivinha, eu sempre brigava... Porque não pode ser a criança negra? Então eram eternos conflitos, entendeu.

Thamiris: E entre as crianças você já percebeu alguma coisa? Você conseguiu intervir de maneira que...

C.A: Olha com as crianças é.. As crianças brincam umas com as outras que elas se interessam, mas quando uma briga com a outra, então era comum: sua preta, “sua peta”, mesmo pequena. “Não vou brincar com você porque você é peta”. Então isso era um comportamento que já vinha de casa, entendeu? Então tinha isso. “Oh tia, ela tá me chamando de peta!...Isso é muito comum. E aí eu sempre... Eu descobri o racismo muito cedo, no colégio né? Eu acho que a própria questão de eu ir pro colégio, e minha irmã que tinha a pele clara não ir... Foi assim, não teve como eu não descobrir que me discriminavam pela cor da minha pele, pelo cabelo, entendeu? No colégio quando elas falavam: que cabelo duro, que inferno, que elas tinham que pentear. E eram mulheres brancas.

Thamiris: Mas teve algum episódio que a partir dali você entendeu, que a partir daquele momento você entendeu que era uma criança preta?

C.A: No colégio teve. Do ferro...E da primeira comunhão.

Thamiris: Você fez a primeira comunhão?

C.A: Não, porque eu xinguei a menina e falei acho que merda, bosta.

Thamiris: E por isso você não pôde fazer?

C.A: Eu não fiz, mas eu tomei todas as osteas todas as vezes que eu quis. Ali eu já vi. Porque assim, na minha turma eu era a única menina negra, do meu grupo no colégio. E aí eu percebia as diferenças com que eu era tratada.

Thamiris: E você acha que hoje enquanto mulher negra você percebe que você criou algum mecanismo pra se defender do racismo?

C.A: Eu enfrento, eu confronto, eu demonstro desprezo, e eu tenho uma ação pro-ativa, eu levanto a cabeça e eu exijo respeito, e quando não é possível, aí eu desço do salto, mas eu não engulo.

Thamiris: E você diria o que, se você pudesse dizer alguma coisa para a C.A, você criança, você o que pra ela, nessa vivência, considerando a mulher negra que você é hoje?

C.A: Nossa você é uma princesa. Você é tão linda, nossa como você é linda.. Você é inteligente. Ah você não acertou aqui, vamo fazer junto, todo mundo erra, tem que aprender, vai aprendendo, a gente vai errando até acertar, eu vou te ajudar. Senta no meu colo, nossa que cabelo lindo que você tem, que pele bonita, nossa a cor da sua pele é tão linda... Eu diria assim: você é uma preta de neve, que era tudo ao contrário né, então tudo o que era belo, tudo o que era bonito não era como eu, na cabeça das freiras, na cabeça das pessoas que lá trabalhavam, e das crianças também, entendeu? Aquele Jesus loiro de olho azul, eu sempre olhava aquela imagem com desconfiança, sem saber assim, mas eu olhava e eu não entendia sabe? Aí eu olhava para a Nossa Senhora da Aparecida que depois eu vim saber que aquele pele escura era por conta que a imagem foi achada no barro e tal, mas eu me identificava, e tinha um santo negro, então quando eu entrava na igreja, no colégio eu me sentia bem olhando pra esse santo, não sei se era Santo Antônio de Categira, era um santo lá, e eu ficava o tempo todo olhando pra ele e eu não entendia porque aquilo me fazia bem, depois eu vim entender, era porque ele era parecido comigo, e o interessante é que ele não tinha a cor preta, ele tinha a cor marrom como a minha. Interessante né? E eu tinha uma sensação quando eu olhava pra ele que eu não tava sozinha,

entendeu? E só tinha esse santo preto. Eu não lembro de nenhum padre negro, as irmãs, eu não lembro de nenhuma irmã preta. Tinha duas meninas, mas em outros grupos, pretas, porque era um educandário mais era muito difícil vaga lá, que era um colégio muito bom, que eu acho que era meio que selecionado quem ia pra lá. Tanto é que quem conseguiu a vaga pra eu ir lá foi essa patroa da minha mãe, que quando a minha mãe engravidou do pai desse meu meio irmão ela mandou os dois embora, e logo depois eu saí do colégio, acho que eu perdi a vaga, alguma coisa assim, não sei, porque era essa mulher que ajudava lá a manter as coisas, era assim. Eu não sei ao certo, eu lembro da Maria fumaça, Santa Cruz do Rio Pardo que eu ia. Tinha uma irmã chamada irmã Tereza, ela usava uns óculos escuros, era alta, branca, era a que a menos rude comigo, ela falava assim: normal... As outras é.. Acho que não gostava de mim, e eu também não gostava delas, tudo certo. Pronto?

Thamiris: Pronto. Obrigada!

Entrevista com a educadora M.V (ativa na rede pública de São Paulo) negra de pele clara.

Thamiris: Me fala um pouco da sua infância?

M.V: O lado bom ou o lado ruim? (risos) Olha, a gente tem que ver os dois lados né? Eu fui uma criança muito reprimida pelo meu pai, muito... Sofri violência física por parte do meu pai, não só eu como meus irmãos, porque ao mesmo tempo que ele era um pai bom, se a gente tirasse notas boas, recebia os parabéns, se a gente tirasse nota vermelha a gente era espancado, mas... Fora que a gente não podia ficar na rua. Eu tive uma infância muito boa, todo mundo fala dos anos 90 que você podia brincar na rua, não tem hora pra entrar a não ser a hora que meu pai estava perto de chegar, eu brincava muito, muito, muito, brincadeiras tradicionais, de bola, bicicleta, esconde-esconde, etc, etc. Fora que eu sofri abuso sexual...

Thamiris: E como foi sua infância na escola?

M.V: Eu era uma criança muito retraída, eu não era tão extrovertida, eu tinha medo de tudo porque na minha primeira série, como eu tinha o cabelo muito fuá, as crianças puxavam o meu cabelo. Então eu evitava me relacionar com as outras crianças. E com relação professora e a aluno, eu repeti duas vezes a primeira série por conta de uma professora que como eu cheguei do Nordeste, minha mãe não colocou a gente no “prézinho”, pulou uma etapa, eu não tive essa etapa, então eu fui direto para a primeira série, então eu e o meu irmão não sabia escrever, e não estava sendo preparado para a alfabetização, e quando chegava na escola na primeira série fazia ditado e ela queria que a gente escrevesse, minha folha vinha em branco e voltava em branco, eai a professora, ela forçava a gente e puxava o cabelo aqui na parte de trás, na nuca, pra não deixar marca, eai eu só chorava. Eai minha mãe levava a gente pra escola, só que tinha dias que coitada, já estava no quarto filho, uma mulher jovem, aí teve vezes dela falar pra eu e meu irmão irmos sozinhos pra escola, e a gente ia, só que a gente não tinha noção do tempo né, quando a gente chegava os portões já estavam todos fechados, aí a gente voltava pra trás. Com medo do meu pai brigar, a gente parava sempre num desmanche de carro, que meu irmão gostava de carro, e ali nós passávamos a tarde toda brincando dentro daqueles carros... Já morreu tanta gente dentro daqueles carros, hoje que a gente tem noção do perigo, mas na época, criança é tão ingênua que não... Meu irmão entrava e saía dos carros, e eu ficava sentada, vendo ele brincar.

Thamiris: Descreve essa professora que puxava seu cabelo, como ela era?

M.V: Branca. Tinha cabelo loiro, liso...

Thamiris: Me conta mais dessa escola, e da professora?

M.V: Eu fiquei nessa escola dois anos, depois fui para Mauá, e lá em Mauá, no Jardim Zaíra, eu peguei uma professora que ela foi minha professora da primeira a quarta série, a mesma professora, me lembro o nome dela: Adélia. Professora Adélia, e ela teve um carinho tão especial por mim, que eu já fiz até esse depoimento na escola que trabalho, de como um professor pode transformar a vida de uma criança. Eu era uma criança muito introspectiva... Como a gente apanhava muito, eu e meus irmãos

fazíamos muito xixi na cama, e a gente levantava de manhã pra ir para a escola e as vezes não dava tempo de tomar banho, e a gente ia, e ia todo marcado porque meu pai batia muito, a gente não tinha a preocupação de tampar os hematomas, porque ele batia com a fivela do cinto. E essa professora ela dava uma atenção especial pra mim, que hoje eu percebo, mas na época eu não percebia porque ela tinha tanto carinho, tanto cuidado com a minha pessoa, ela me colocava do lado da mesa dela pra me alfabetizar, com toda paciência do mundo, ela me colocava pra ajudar, eu era responsável pela chave do armário dela, eu pegava o material pra ela, eu distribuía para as crianças, acho que é por isso que eu sou assim hoje, e depois disso eu não reprovei mais, eu fui pegando gosto, eu chegava em casa e queria escrever, escrever...Eu queria ser professora. Eu só brincava de escolinha. E minha mãe disse que eu brincava de escolinha as vezes sozinha, e eu gritava, eu acho que isso era de casa.

Thamiris: Descreve para mim essa professora, como ela era?

M.V: Ela tinha mais ou menos o meu corpo hoje, lembro que ela tinha os seis volumosos, e eu achava lindo o decote dela, queria ter os seios iguais aos dela. Ela era morena, cabelo liso, preto.

Thamiris: Você se classifica como? Como uma mulher negra, branca..

M.V: Antes eu me classificava como branca, mas com o passar do tempo entendi que eu sou uma mulher negra, eu tenho traços, tenho cabelo crespo, então me considero uma mulher negra.

Thamiris: E quando você sofria aquelas violências da professora, você não falava para os seus pais?

M.V: Eu não falava porque eu tinha medo de apanhar do meu pai. Ele não acreditaria em mim, nós fomos criados para respeitar professor como pai e mãe, então se eu dissesse isso pro meu pai ele ia dar razão para a professora. Tanto eu não tinha espaço que quando eu sofri o abuso sexual eu também não contei pro meu pai, por

medo, que a família não dava abertura pra você falar, pra você dizer a coisa que você sente, tudo era violento.

Thamiris: E hoje, você como uma mulher negra, como pedagoga, como é sua relação com as crianças? Você acha que você ter o cabelo cacheado, ser uma mulher negra, muda sua relação?

M.V: Eu passei muitos anos com progressiva no cabelo, e quando eu me tornei pedagoga, que veio a questão da gente trabalhar a questão étnico racial eu falei: meu, como eu vou falar para as crianças aceitar o cabelo, se eu não demonstro isso, mas verdade a gente demonstra mais pelas atitudes do que pelas palavras, então eu quis transformar meu cabelo, deixar ele vir natural, pra que eu possa trabalhar com as minhas crianças e...

Thamiris: Qual a idade das suas crianças?

M.V: Eu trabalho com crianças de zero á três anos. Então hoje, quando eu vejo uma criança negra, eu me relaciono com o meu passado, como eu gostaria de ser tratada na época? E é assim que eu trato as minhas crianças, como eu gostaria que tivessem me visto? Então eu procuro tratar da melhor forma as minhas crianças, acolhê-las da melhor forma possível.

Thamiris: E você acolhe diferente as crianças negras ou não, para você são todas iguais?

M.V: Olha depende do contexto... Se aquela criança, se eu sinto que tem algo diferente, uma insegurança, a gente procura focar mais naquela criança, seja ela negra, seja ela branca.

Thamiris: E você já viu alguma situação de racismo?

M.V: Sim, várias. A criança dizer que não gosta do cabelo. A criança chorar no portão da escola e não querer entrar, e a gente pergunta pra mãe por que que aquela criança tá chorando, e a mãe fala: ah é porque as pernas dela ta aparecendo e daí ela não quer que os

amiguinhos vejam que a perna dela é preta. Olha..Olha isso... Não dá pra ver no rosto, nos braços. Ela queria que a mãe colocasse calça nela para as outras crianças não verem que ela era preta. E minhas próprias colegas de trabalho, discriminar a criança por conta do cabelo, por exemplo o dia da beleza, quando tem que fazer penteado nas crianças, que a gente passa gel, e aí aquela criança que tem o cabelo muito crespo as professoras nem tocam. Ou quando a mãe manda as crianças de cabelo solto, crianças de cabelo crespo, as professoras falavam: nossa ninguém passou nenhum pente nessa criança. E aí é muito difícil pra você não se indispor com a colega, mas aquilo dói, dói na alma. Porque a gente sabe que muitas vezes aquelas falas não são escondidas, muitas vezes as crianças escutam né, e os adultos acham que as crianças não entendem, não presta atenção, mas a criança entende, ela presta atenção.

Thamiris: Você já percebeu alguma atitude racista entre as crianças?

M.V: Já, uma criança que não quer brincar com a outra porque é preta, e elas falam isso umas para as outras, e a outra que ouviu chora...

Thamiris: E como você intervém?

M.V: Abordo as crianças, aí a gente envolve a sala inteira, vai mostrar os tons de pele, dizer para eles que ninguém é igual a ninguém, que tem que respeitar o coleguinha.

Thamiris: E você acha que eles entendem?

M.V: Eu acho que é um trabalho de formiguinha e com o tempo as relações vão melhorando... É um trabalho de todos os dias.

Thamiris: Há algum projeto na sua escola para lidar com essas questões?

M.V: Então o que eu sinto... Vou ser sincera. As pessoas trabalham a questão étnico racial muito pouco, e assim, é só quando a coordenadora cobra, porque do contrário, mesmo sendo uma obrigação nossa, mesmo estando no currículo, a gente vê muito pouco a prática dos professores.

Thamiris: E por que você acha que os professores não trabalham a questão?

M.V: Acho que é preguiça mesmo. Eu acho que...Ah sei lá..

Thamiris: Você acha que todos tem a bagagem, formação necessária para trabalhar ?

M.V: Também não, então quando eu digo preguiça eu digo no sentido de você buscar a informação, porque essa formação não nos é passada, só jogam: olha você tem que trabalhar isso, a coordenadora fala: tem tal livro, tem livro. Mas a formação em si a gente não tem. Se a gente quiser a gente vai buscar, e quem não vai buscar é por quê? É porque tem preguiça gente, as pessoas muitas vezes são acomodadas.

Thamiris: Vera se você pudesse visualizar você criança. Aquela menininha que brincava no depósito de carro, que a professora puxava o cabelo, se você pudesse hoje estar de frente com essa criança, o que você diria pra ela?

M.V: Ai, não faz isso comigo. (chora) Eu diria pra M.V que a vida foi muito dura com ela, mas que ela superou tudo...E que hoje ela conseguiu ser essa mulher que ela é, graças ao apoio da família que ela construiu depois de casada, o apoio do marido, das filhas... Ela pôde superar as inseguranças, e que ela entende hoje tudo o que essa criança que ela foi passou, e ela consegue perdoar...E que jamais diante dos meus olhos um crianças não vai passar pelo o que ela passou, jamais....

Thamiris: Obrigada pelo depoimento.

M.V: De nada...